

**XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB**

**ISSN 2177-3688**

**GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades**

**A DECOLONIALIDADE DA COMUNICAÇÃO INDÍGENA A PARTIR DO OLHAR SOB O *PODCAST* DA COIAB**

***THE DECOLONIALITY OF INDIGENOUS COMMUNICATION FROM THE LOOK THROUGH THE COIAB PODCAST***

**Célia Regina Simonetti Barbalho** – Universidade Federal do Amazonas (UFAM)  
**Mateus Rebouças Nascimento** – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
**Raquel Santos Maciel** – Universidade Federal do Amazonas (UFAM)  
**Suely Oliveira Moraes Marquez** – Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** A comunicação indígena configura-se como um campo de estudo dinâmico, permeando diversos canais de expressão, desde a oralidade tradicional até as ferramentas digitais da era da informação. Através desses meios, os povos originários disseminam saberes, expressam suas identidades, denunciam violações de direitos e defendem seus territórios, pautando-se por agendas de interesse coletivo. Este estudo tem como objetivo compreender a comunicação indígena a partir do *podcast* da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab). Busca-se identificar os domínios temáticos mais abordados, os atores envolvidos e as relações colaborativas tecidas nas comunicações. A metodologia adotada baseia-se na sistematização quanti-qualitativa das 64 edições do *podcast*, a partir da extração dos metadados identificados na plataforma de *streaming* Spotify, mapeando o episódio, número, data, roteiro, produção, locução, edição, domínios discutidos, entrevistados e resumo, utilizando o software métrico *VOSviewer* para apreciação dos dados referentes aos conhecimentos discutidos. Os resultados demonstram que as temáticas discutidas percorrem vertentes relacionadas a eventos significativos para o povo indígena, discutindo ações que permeiam questões de direitos a territórios, saúde pública, mulheres, dentre outros temas. Conclui-se que a comunicação indígena em *podcasts* corrobora para levar a informação em uma linguagem ativa, disseminando pautas da sociedade na visão de povos originários, destacando suas lutas e manifestos.

**Palavras-chave:** comunicação indígena; conhecimento tradicional; Coiab; decolonialidade; podcast.

**Abstract:** Indigenous communication is a dynamic field of study, permeating various channels of expression, from traditional orality to digital tools of the information age. Through these means, indigenous peoples disseminate knowledge, express their identities, denounce rights violations and defend their territories, guided by agendas of collective interest. This study aims to understand indigenous communication based on the podcast from the Coordination of Indigenous Organizations of the Brazilian Amazon (Coiab). The aim is to identify the most discussed thematic domains, the actors

involved and the collaborative relationships woven into communications. The methodology adopted is based on the quantitative and qualitative systematization of the 64 editions of the podcast, based on the extraction of metadata identified on the Spotify streaming platform, mapping the episode, number, date, script, production, voiceover, editing, domains discussed, interviewed and summary, using the VOSviewer metric software to evaluate the data regarding the knowledge discussed. The results demonstrate that the themes discussed cover aspects related to significant events for the indigenous people, discussing actions that permeate issues of rights to territories, public health, women, among other topics. It is concluded that indigenous communication in podcasts helps to convey information in an active language, disseminating society's agendas from the perspective of indigenous peoples, highlighting their struggles and manifestos.

**Keywords:** indigenous communication; traditional knowledge; Coiab; decoloniality; podcast.

## 1 INTRODUÇÃO

O indivíduo, enquanto um ente social, detém o direito de informar e ser informado, podendo divulgar seu juízo de valor, seus pensamentos que expressam sua atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de sua peculiaridade. Contudo, para que isso seja possível, de fato, é preciso que sua voz possa reverberar e tornar a informação que deseja transmitir disponível e acessível para todos que busca atingir.

No que pese este direito estar disposto em leis e tratados, como a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) por exemplo, ser uma necessidade humana básica e o fundamento de toda organização social, é verdadeiro afirmar que o pensamento colonizador, as referências eurocêntricas e capitalistas estabeleceram uma relação dominadora universal que atuou como um limitador para a produção de conhecimento e promoveu um silêncio nos repertórios fora daqueles considerados convencionais, atuando especialmente sob grupos étnicos e coletivos como os indígenas. De fato, a perspectiva do pensamento ocidental dominante desconsiderou as múltiplas formas de conceber e conhecer o mundo.

Não obstante a este contexto, os indígenas brasileiros da atualidade compreendem que se comunicar é fundamental para assegurar espaços de lutas e direitos, sendo de amplo entendimento desses povos originários a necessidade de constituir elementos que lhes garantam o direito de voz por meio da apropriação de diferentes ferramentas de comunicação disponíveis para disseminar seus discursos às comunidades locais e à sociedade em geral.

Diante o exposto, o objetivo da pesquisa é compreender a comunicação indígena a partir do *podcast* da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), identificando os domínios temáticos mais abordados, os atores envolvidos e as relações

colaborativas tecidas nas comunicações, aprofundando os aspectos da decolonialidade do processo de comunicação dos povos que habitam a Amazônia, a partir de uma discussão das manifestações efetuadas pelo *podcast*.

Para tanto, toma como material de análise os 64 episódios disponíveis na plataforma de *streaming* Spotify, para examinar temáticas, discursos e atores com intuito de evidenciar como os indígenas da Amazônia brasileira se comunicam, trocam informações e produzem redes informacionais no ciberespaço a partir de questões que são próprias de suas lutas e vivências, configurando não apenas uma forma de organização, mas um registro de sua existência, resistência, saberes de suas comunidades, anciões, encontros com outros e por ancestrais que os guiam.

No plano científico da Ciência da Informação, este estudo amplia o conhecimento sobre a comunicação indígena na era digital, examinando as dinâmicas e estratégias de comunicação dos povos indígenas que habitam a Amazônia, visibilizando as vozes indígenas por meio do destaque da importância da comunicação como ferramenta de expressão, resistência e defesa de direitos. Além disso, procura corroborar para mapear as relações de domínio e colaboração entre os povos indígenas e outros atores sociais.

Para atender ao disposto, o artigo está organizado em uma breve revisão de literatura envolvendo as temáticas sobre decolonialidade, comunicação indígena, etnomídia e os *podcasts*, uma descrição explicitando o caminho metodológico adotado que conduziu aos resultados e conclusões expostas, retornando ao que foi proposto como objetivos da pesquisa, respondendo-os de acordo com os resultados analisados.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É tácito que toda sociedade possui formas de adquirir conhecimento bem como de transmiti-los de uma geração para outra, independentemente da cultura, religião ou raça em particular. De fato, a aquisição de conhecimento, na maioria das vezes, está diretamente relacionada às formas que uma determinada sociedade emprega para resolver os seus problemas sociais peculiares, explicando porque a cultura é geralmente definida como um modo de vida de um determinado povo.

Em especial, as culturas ancestrais e seus sistemas de conhecimento, foram mal compreendidos ou mesmo rejeitados pelos especialistas em planejamento do

desenvolvimento no passado. No entanto, emerge no contexto global atualmente um reconhecimento do papel positivo que os povos indígenas e o seu conhecimento do ecossistema podem desempenhar no sucesso dos projetos e políticas de desenvolvimento. Parte desse processo se deve à resistência desses povos e ao fortalecimento da comunicação indígena.

## **2.1 Decolonialidade**

Sob a perspectiva das críticas às consequências do colonialismo na sociedade contemporânea, especialmente na América Latina, África e no Sul Global, a decolonialidade emerge na ciência como um movimento que busca transformar os esforços tradicionais. Esse movimento propõe uma visão mais ampla da modernidade e de seus fundamentos coloniais, defendendo uma dimensão pluriversal. Ao desafiar a epistemologia ocidental, a decolonialidade destaca a coexistência de diversos sistemas de conhecimento (Burocco, 2022).

Garcez e Sales (2023, p. 5), compreendem a decolonialidade como uma corrente de pensamento apoiada de forma oposta “[...] às perspectivas hegemônicas de produção de conhecimento, caracterizada por abordagens críticas que buscam, de maneira respeitosa, confrontar o histórico processo de colonização do conhecimento”. Esta corrente é utilizada como meio fundamental para reivindicar direitos, autonomia e a recuperação de suas tradições e conhecimentos, concentrados a partir de fatos latino-americanos (Oliveira; Lucini, 2021).

Os estudos decoloniais apresentam uma estrutura que busca abordar e transformar os legados duradouros do colonialismo, particularmente na produção e construção do conhecimento, visando desafiar o legado colonial com foco na criação de novas identidades e olhares (Silva, 2024). Enfatizados na necessidade de uma nova abordagem epistemológica que reconheça e valorize experiências apagadas, destacam-se as desigualdades, desequilíbrios de poder e interações exploradoras, impulsionando uma agenda transformadora em direção à justiça e à cooperação (Lencucha, 2024).

Contextualizados como uma resposta à persistência da colonialidade, a decolonialidade permeia perspectivas marginalizadas ou excluídas, potencializando discussões sobre questões como o racismo, a desigualdade social, justiça ambiental, questões

indígenas, propondo alternativas que não dependam das lógicas coloniais tradicionais, na inclusão e diversificação de novos olhares do conhecimento comunicado na sociedade.

## 2.2 Comunicação indígena

Pautada em práticas não comerciais, a comunicação indígena possui um caráter social e cultural que reflete elementos dispostos na chamada mídia intercultural, uma vez que se consolida na perspectiva de promover o intercâmbio, a preservação e a valorização dos diferentes povos e culturas, sendo suas práticas embasadas no reconhecimento da plurinacionalidade. Suas bases se consubstanciam por meio de sistemas de significação que evidenciam outros mundos e práticas possíveis de elementos trazidos pela memória de seus ancestrais (Amaral, 2022).

Conforme destaca Falcão (2019),

A comunicação Indígena foi historicamente construída para articular os povos entre si, enquanto estratégia de sobrevivência de modos de vida com aspectos em comum, frente o Estado e a insegurança jurídica do usufruto de seu território. O que não quer dizer que a produção para o público mais amplo não ocorra.

Como expõe a autora, a comunicação no contexto dos povos ancestrais é empregada como um espaço estratégico de ação e é adotada para trazer reconhecimento, visibilidade aos direitos, respeito, resgate cultural e para construir, no seio da sociedade, um enfrentamento aos estereótipos ou preconceitos ocasionados pela falta de informação na mídia hegemônica.

Ao discutir as práticas comunicacionais do programa *A Hora do Xibé*, dos povos do baixo Tapajós, na Amazônia brasileira, Quiroga e Mota (2024), corroboram com o papel atribuído à comunicação indígena afirmando que:

[...] os meios de comunicação, principalmente aqueles apropriados pelos povos indígenas, são fundamentais nas estratégias de luta desses povos. Sendo assim, torna-se imprescindível observar o surgimento de novas formas de comunicação e modos de resistência, os quais têm se desenvolvido segundo concepção dialógica, que contempla a diversidade e complexidade dos diferentes atores sociais, apresentando, portanto, rupturas na construção padronizada da informação. Em outros termos, são essas práticas que podem ajudar no combate da colonialidade midiática, que invisibiliza e ataca o outro-sem-individualidade (pobres, negros, indígenas, sem-terra, assalariados, etc.), construindo discursos opressores que alimentam nossa forma individual e coletiva de pensar-agir.

Chama especialmente a atenção na exposição dos autores que, no contexto histórico em que novas formas de organização e estratégias de resistência não podem prescindir da apropriação dos meios de comunicação, que essas sejam capazes de auxiliar a sobrepor fronteiras na defesa dos saberes tradicionais, da exposição do cotidiano, de salvaguardar memórias e, principalmente, de se constituir como um meio de luta, sendo a apropriação das mídias eletrônicas uma forma para romper o isolamento.

De fato, o crescente emprego das mídias eletrônicas como uma ferramenta de comunicação fundamental para aqueles que antes não tinham voz, fortaleceu a transmissão de suas ideias, a divulgação de suas culturas e potencialidades de forma mais independente e autônoma. Tal crescimento foi amparado pela formação de comunicadores indígenas que enfrentam o desafio de transformar fatos, fotos, textos, áudios, vídeos em elementos a serem compartilhados nas redes sociais.

### **2.3 A etnomídia e os *podcasts***

A comunicação indígena por meio de uma mídia eletrônica, denominada de Etnomídia, tem origem na popularização da internet e no surgimento de novas mídias digitais a partir do século XX, favorecendo a muitos grupos excluídos socialmente a oportunidade de construir seus próprios discursos. Tal fenômeno se fortaleceu com o surto pandêmico da COVID-19 e se constitui hoje em um aliado essencial no processo de interlocução entre povos originários e sociedade (Demarchi; Gomes, 2022).

O termo etnomídia, segundo Souza e Costa (2021), surgiu a partir da criação do grupo Etnomídia – Pesquisa em mídia e etnicidades, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1997, o qual foi criado para debater os impactos midiáticos sobre os grupos étnicos. Contudo, os autores afirmam que a perspectiva indígena foi fortalecida pela criação da Web Brasil Indígena, em 2007, pelo comunicador Anápuáka Muniz Tupinambá.

Souza e Costa (2021), destacam ainda que:

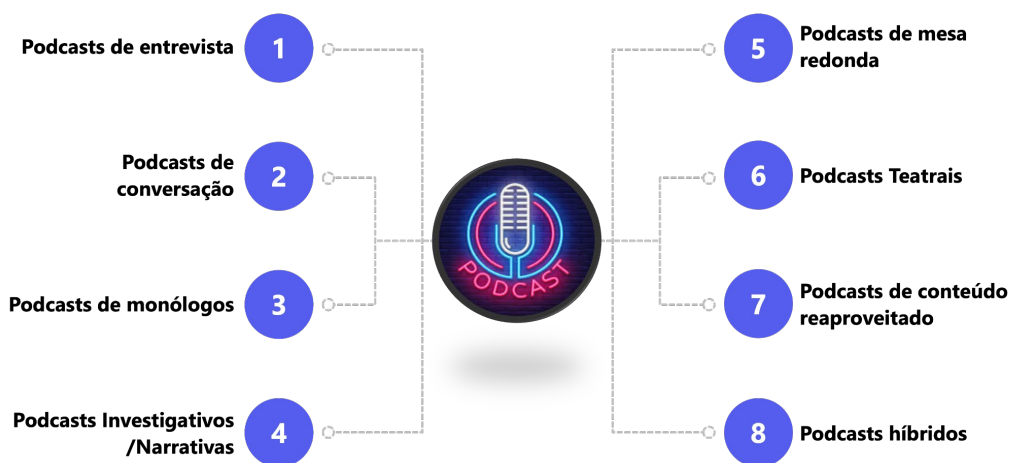
Essa comunicação, pensada e produzida por indígenas, abriu espaço para novas articulações dentro do próprio movimento, levando essas práticas etnomidiáticas para áreas indígenas, fomentando a aquisição de equipamentos tecnológicos, como celulares, câmeras, computadores, rádios, antenas de transmissão, que passaram a possibilitar interações e partilha dos saberes entre comunidades que antes não se conheciam. São processos que influenciam visões da própria comunidade sobre seu corpo no espaço midiático e, principalmente, os olhares dos não indígenas sobre suas

realidades – antes, os meios de comunicação representavam os indígenas como ‘ladrões’, ‘preguiçosos’, ‘bugres’, ‘selvagens’, ‘invasores’, e tais títulos tornavam-se verdades absolutas.

Observa-se, pelo exposto, que o emprego das mídias digitais acelerou o processo de comunicação dos povos indígenas, possibilitando a eles decolonizar sua comunicabilidade uma vez que eles passaram a contar suas histórias e construir seu próprio processo de transmissão de mensagens que ganharam amplitude e interação digital, passando a atingir um maior público por meio, por exemplo dos *podcasts*, caracterizado como sendo programa de entrevistas em formato de áudio, reproduzido a partir de algum tipo de plataforma de *streaming*, que conta com a vantagem de ser escutado sob demanda, quando o ouvinte desejar.

O *podcast* surgiu a partir de uma profusão de aparelhos reprodutores de áudio, em um período em que, a cada nova edição, o programa de áudio precisava ser alocado em um equipamento para ser ouvido, até que o surgimento da tecnologia *Really Simple Syndication* (RSS), associada a outras ferramentas, promovesse uma nova dinâmica para o uso dessa mídia que possui diferentes tipos, como pode ser observado na Figura 1.

**Figura 1 – Tipos de *podcasts***



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2024).

Como pode ser observado na Figura 1, os tipos variam de acordo com o objetivo da comunicação a ser efetuada e o envolvimento que se pretende com o público, motivo pelo qual a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) adotou como uma das principais mídias para o diálogo entre os “parentes” como eles se denominam por

compartilhar de alguns interesses comuns, como os direitos coletivos, a história da colonização e a luta pela autonomia sociocultural de seus povos diante da sociedade global.

## 2.4 O *podcast* da Coiab

A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) foi fundada em 19 de abril de 1989, quando se comemora o Dia dos Povos Indígenas, antigo Dia do Índio. Oriunda das articulações de lideranças de organizações indígenas existentes, com o objetivo de compor uma autorrepresentação na luta pelos direitos dos indígenas, a Coiab é o resultado do processo de luta política dos povos ancestrais pelo reconhecimento e exercício de seus direitos, em um cenário de transformações sociais e políticas ocorridas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 (COIAB, 2024).

A missão da Coordenação é promover a articulação política e o fortalecimento das organizações indígenas, que compõem a rede por toda a Amazônia brasileira, como pode ser observado na Figura 2.

**Figura 2 – Composição da COIAB**



Fonte: Coiab (2024).

Para fortalecer sua ação, a Coordenação atua por meios de gerências, sendo uma delas a de Comunicação que possui uma equipe de mais de 80 comunicadores de 34 povos, de diferentes territórios da Região, que atuam para promover a construção de novas lideranças com novas ferramentas, por meio da comunicação. As atividades desenvolvidas pela equipe constituem-se da cobertura dos eventos, coleta de depoimentos, registros em áudio, edição dos boletins e sua distribuição. Cada boletim relata os acontecimentos do dia de forma compreensiva, com forte teor formativo, orientado principalmente a oferecer conhecimento facilitado sobre as demandas do movimento, e suas implicações frente ao Estado, para os parentes em suas aldeias (Coiab, 2024).

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como aplicada, buscando compreender e analisar a comunicação indígena a partir do *podcast* da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab). Adota-se uma abordagem quanti-qualitativa para uma compreensão mais abrangente e profunda do objeto de estudo, explorando os temas, discursos e atores presentes na comunicação indígena veiculada e descrevendo os domínios de conhecimento presentes na comunicação indígena, as formas de expressão utilizadas e as relações de colaboração entre os povos indígenas.

Baseado na metodologia aplicada por Lozovei (2021) em estudos de comunicação indígena e fundamentado na aplicação em estudos que analisam *podcasts* por Santos, Soares e Cardoso (2024), o constructo metodológico foi amparado pelas seguintes etapas: mapeamento do *podcast* da Coiab, identificação dos descritores existentes, padronização e composição de planilha para coleta, coleta dos descritores, análise, geração e apreciação dos dados, com foco nos objetivos explicitados da pesquisa.

A primeira etapa consistiu no mapeamento do *podcast*, onde foram identificadas 64 edições disponíveis<sup>1</sup> na plataforma de *streaming* Spotify, totalizando 30 episódios intitulados Amazônia Indígena (o *podcast* em si) e 34 episódios denominados especiais que abordam temas em evidência na sociedade, eventos relevantes para a comunidade indígena, além de

---

<sup>1</sup> O podcast organizado pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira pode ser ouvido gratuitamente em: <https://open.spotify.com/show/6Hn6KCferLW4BdOuPF6cVy>

informativos sobre datas significativas e relatos de experiência com manifestos que destacam questões inerentes aos povos originários.

Após o mapeamento das edições disponíveis, surgiu a necessidade de identificar os descritores existentes em cada edição do *podcast*. Foram levantados: título do episódio, número, data, roteiro, revisão, locução, edição, produção, entrevistados, temáticas discutidas e resumo. Para a coleta dos dados, foi criada uma planilha padronizada por tabulação, realizando a coleta manual, além de escutar os episódios para extrair os dados referentes às temáticas discutidas e aos entrevistados. As demais informações foram coletadas a partir dos resumos. A coleta de dados foi realizada em julho de 2024.

Para a análise, geração e apreciação dos dados coletados, foi utilizado o *software* métrico *VOSviewer*<sup>2</sup> na versão 1.6.19, focando em analisar os domínios discutidos no *podcast* por meio da representação em grafos. Este *software*, desenvolvido por Nees Jan van Eck e Ludo Waltman da Leiden University, na Holanda, é uma ferramenta gratuita nos preceitos do acesso aberto. O *VOSviewer* permite fazer análises por meio de estudos métricos, contribuindo para mapear panoramas de conhecimento discutidos em um determinado contexto.

A escolha do programa utilizado se deu visando a compatibilidade com a coleta manual que foi feita, bem como as variáveis que foram analisadas à luz dos temas discutidos no *podcast*. A ferramenta utiliza um método de visualização baseado na distância entre os nós da rede analisada, de modo que a distância entre dois nós indica aproximadamente a intensidade da relação entre eles, sendo tal relação tanto maior quanto menor for a distância (Van Eck; Waltman, 2016).

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa estão dimensionados nas comunicações colaborativas dos entrevistados e nos domínios mencionados no *podcast*. O *podcast* abordado neste estudo, está organizado por temáticas com os seguintes títulos: Amazônia Indígena, Especial ATL

---

<sup>2</sup> O *software* *VOSviewer* pode ser instalado gratuitamente disponível para Microsoft Windows, MAC Os X e outros sistemas: <https://www.vosviewer.com/download>

(Acampamento Terra Livre), Especial COP28: pela justiça climática, Papo dos Isolados, Minuto COIAB e Amazônia Indígena Vacinada.

**Figura 3** – Descrição das temáticas do *Podcast* da Coiab



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2024).

A Figura 3, ao apresentar as temáticas do *podcast* em estudo, destaca que ele se configura na medida em que as temáticas emergem, caracterizando um espaço dinâmico de comunicação, mediante a comunicação de temas de interesse dos povos originários e suas respectivas visões a respeito, como poderá ser observado nos dados a serem expostos nos resultados e discussões, explicitando as relações entre os atores que permeiam o processo e os domínios discutidos.

Em relação aos atores, foram identificados 74 entrevistados, 97% participaram dos episódios denominados “Amazônia Indígena” e são lideranças indígenas discutindo temas de interesse coletivo para os povos originários. Nesse processo, identificou-se 34 etnias: Apurinã, Arapium, Baniwa, Baré, Chiquitano, Galibi-Marworno, Guajajara, Huni Kui (Kaxinawá), Kaingang, Kali’ñã, Kanoê, Karajá, Karipuna, Karitiana, Kaxuyana, Krikatí, Macuxi, Manchineri, Marubo, Matipu, Munduruku, Mura, Nawa, Sateré-Mawe, Surui Paiter, Tariana, Taurepang, Tukano, Wajãpi, Wapichana, Xakriabá, Xavante, Yanomami e Yawalapiti.

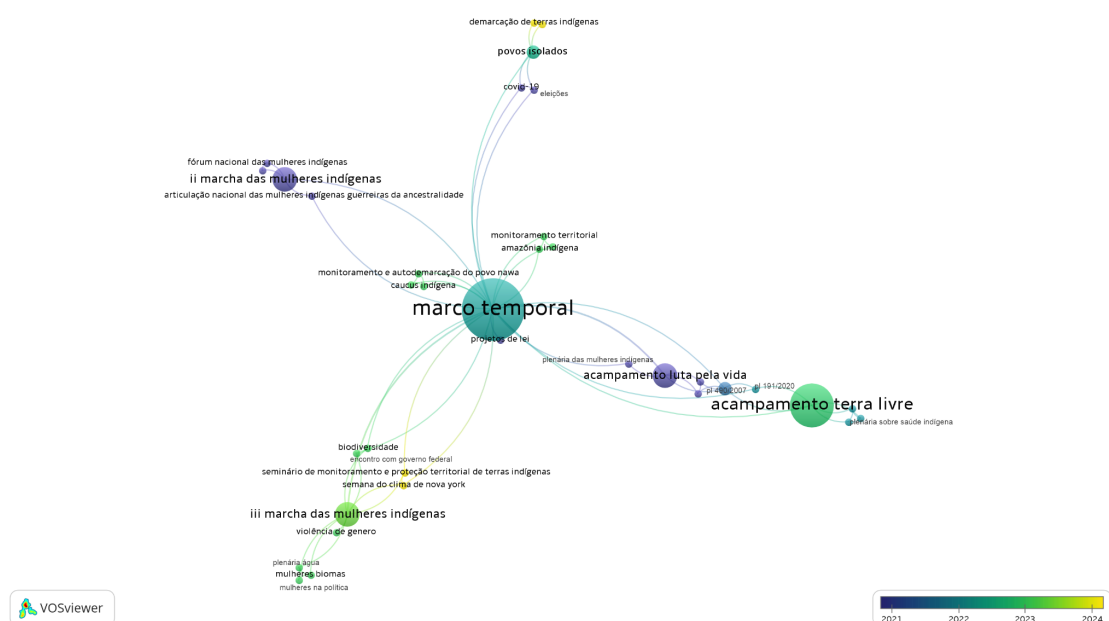
Quanto à perspectiva geográfica, perpassam os estados: Acre (AC), Amazonas (AM), Amapá (AP), Goiás (GO), Maranhão (MA), Minas Gerais (MG), Mato Grosso (MT), Pará (PA),

Paraná (PR), Rondônia (RO), Roraima (RR), Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC), São Paulo (SP), Tocantins (TO), além dos países Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela (Instituto Socioambiental, [20–]). Essa diversidade étnica demonstra a importância da comunicação indígena, por meio do *podcast* em estudo, para a congregação e compartilhamento entre os povos originários, de temas e reivindicações que impactam diretamente a sua existência.

Dentre os temas abordados no *podcast* em estudo, destacam-se: a cobertura do ATL em 2021, o Marco Temporal, as eleições de 2022, a vacinação dos povos indígenas contra o coronavírus, projetos de lei que impactam as terras indígenas e a vida dos povos indígenas, a cobertura da III Marcha das Mulheres Indígenas - mobilização de mulheres indígenas que ocorre desde 2019 em Brasília, saúde indígena e monitoramento territorial.

A Figura 4 apresenta os domínios de conhecimento que perpassam as discussões publicizadas no *podcast*, totalizando 70 vertentes divididas em 10 *clusters*, cada um representado por uma cor, cuja distribuição temporal corresponde ao período de 2021 a 2024. Destaca-se como termo principal no nó central a temática sobre marco temporal, com 12 ocorrências e um total de 24 conexões, com grande proximidade com saberes sobre monitoramento e autodemarcação do povo nawa, caucus e amazônia indígena, além do mapeamento territorial.

**Figura 4 – Mapa de conhecimentos discutidos no podcast da COIAB**



**Fonte:** Dados da pesquisa (2024).

O marco temporal está no centro do mapa de conhecimentos do *podcast*, considerado como a centralidade de discussões de demarcação sobre territórios indígenas (Cademartori; Kuhn, 2022), sendo objeto de diversas ações judiciais que aguardam uma decisão sobre o assunto, provocando manifestos dos povos indígenas. A decisão terá grandes implicações para o processo de demarcação de terras indígenas e para os direitos dos povos no Brasil, com a Coiab apresentando o que está sendo apontado em Brasília na política.

Observa-se quatro grandes *clusters* além do nó central do grafo sobre marco temporal, explicitando domínios que são comunicados pelo *podcast* referente a eventos significativos para os povos indígenas como o Acampamento Terra Livre (ATL), Acampamento Luta pela Vida e duas edições das Marcha das Mulheres Indígenas. Costa e Sobreiro Filho (2022) pontuam o ATL como o maior encontro anual indígena do mundo, geralmente ocorrendo em Brasília, reunindo mais de 8 mil lideranças e 200 povos do Brasil, propondo ações políticas mediante reivindicações.

Nos eventos explicitados pelo grafo, as discussões são focadas nas mulheres indígenas por meio da marcha, fóruns e seminários de discussão sobre monitoramento e proteção territorial indígena, questões climáticas, violência de gênero, além da articulação nacional das mulheres guerreiras da ancestralidade. Em relação aos acampamentos, destacam-se temas relacionados à saúde indígena, isolados ou dizimados, mobilizações e atos públicos promovendo protestos e atividades de conscientização em várias partes do país.

Em relação à distribuição temporal por cores, destacam-se que as temáticas em 2024 versam sobre demarcação de terras indígenas, Semana do Clima de Nova York e o Seminário de Monitoramento e Proteção Territorial de Terras Indígenas. As cores relacionadas aos eventos correspondem ao ano de realização, assim como a COVID-19 em 2021, informando aos povos indígenas as medidas a serem seguidas, compreendendo que vivem em áreas remotas e com acesso limitado a serviços de saúde, propiciando recomendações de saúde para o combate.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, podemos inferir que o *podcast* da Coiab é um instrumento de divulgação de informação que aborda a produção dos episódios sobre a vida, as lutas, os desafios e

resistências das comunidades indígenas, destacados nas análises do estudo focados na busca por abranger as rotinas e processos produtivos do *podcast*, pontuando como esses conteúdos são explicitados por meio deste canal de comunicação, a partir da percepção dos povos originários.

Nos episódios coletados e analisados percebe-se o relato das mobilizações nacionais de luta pela vida das comunidades indígenas. Os temas mais pertinentes tratados nessas mobilizações, são: direitos indígenas; incidência na política internacional; juventude e lideranças femininas; povos isolados ou dizimados; voz e espaço da mulher indígena; saúde indígena; demarcação de territórios e aldear; impacto dos garimpos nos territórios; defesa dos territórios; Amazônia; genocídio; educação escolar indígena; juventude indígena; comunicação indígena; revisão do estatuto do índio; atuação dos povos indígenas do Brasil.

A análise do *podcast* da Coiab revela que o conteúdo aborda as dimensões social, cultural, política e econômica dos povos indígenas. Os episódios mapeados exploram diversas esferas de discussão, apresentando à sociedade uma perspectiva originária sobre seus territórios. Além disso, dissemina o ponto de vista dos povos originários sobre o uso contemporâneo de sua cultura pela sociedade.

Retomando o objetivo proposto no estudo, ao buscar evidenciar como os indígenas da Amazônia brasileira se comunicam, trocam informações e produzem redes informacionais no ciberespaço, foi possível compreender que as práticas comunicacionais só fazem sentido a partir de um fazer coletivo, que coloca a comunicação como fator agregador na luta desses povos. De fato, é a partir da visibilidade da luta pela terra, autodeterminação, dignidade, saúde e integridade que a informação se consubstancia, elevando o nível de mediação entre os fatos e o seu conhecimento pela população.

## REFERÊNCIAS

ACAMPAMENTO TERRA LIVRE. **Retomando o Brasil**: demarcar territórios e aldear a política. [S. l.]: APIB, [2022?]. Disponível em: <https://apiboficial.org/historicoatl/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

AMARAL, Emanuela; CABRAL FILHO, Adilson Vaz. Comunicação dos Povos Indígenas como chave para práticas decoloniais de uma outra comunicação. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 60-72, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.55738/alaic.v21i41.901>. Acesso em: 13 jul. 2024.

BUROCCO, Laura. Practices of decoloniality: between love and anger. **Kronos**, Cape Town, v. 48, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17159/2309-9585/2022/v48a6>. Acesso em: 19 set. 2024.

CADEMARTORI, Sérgio; KUHN, Lucas Bortolini. A tese marco temporal e o direito fundamental ao território indígena: uma visão a partir do constitucionalismo garantista. **Revista digital constituição e garantia de direitos**, Natal, v. 15, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/constituicaoegarantiadedireitos/article/view/32587>. Acesso em: 13 jul. 2024.

COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA. **Amazônia Indígena**: Coiab: uma história de luta. [S. l.]: COIAB, c2024. Disponível em: <https://coiab.org.br/>. Acesso em: 8 jul. 2024.

COSTA, Everaldo Batista da; SOBREIRO FILHO, José. Direito indígena ao uso do território e utopismos patrimoniais no Acampamento Terra Livre, Brasília. **Revista Da ANPEGE**, Recife, v. 18 n. 36, p. 530-560, 2022. DOI: 10.5418/ra2022.v18i36.16211. Disponível em: <https://doi.org/10.5418/ra2022.v18i36.16211>. Acesso em: 10 jul. 2024.

DEMARCHI, André Luís Campanha; GOMES, Débora dos Santos. Etnomídia: contra-narrativas indígenas nas redes digitais. **Revista extraprensa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 5-23, dez. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/198385/194510>. Acesso em: 7 jul. 2024.

FALCÃO, Christiane. **Abril indígena**: modos indígenas de fazer comunicação. Salvador: TRACC, 2019. Disponível em: <https://tracc-ufba.com.br/sem-categoria/abril-indigena-modos-indigenas-de-fazer-comunicacao/#>. Acesso em: 4 jul. 2024.

GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SALES, Rodrigo de. Combate às violências colonizadoras na organização do conhecimento: uma análise amparada pela escala de decolonialidade para estudos em organização do conhecimento (EDEOC). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: ANCIB, 2023. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1678/1031>. Acesso em: 18 set. 2024.

LENCUCHA, Raphael. Transforming global health: decoloniality and the human condition. **BMJ Global Health**, London, v. 9, n. 8, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjgh-2024-015420>. Acesso em: 19 set. 2024.

LOTTI, Pétalah Augusto. **Informação e conhecimento tradicional indígena**: uma análise da produção científica em ciência da informação no Brasil. 2022. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/60004/4/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Petalah%20Lotti.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/60004/4/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Petalah%20Lotti.pdf). Acesso em: 25 jun. 2024.

LOZOVEI, Jéssica Cristina. Estudo da rede de comunicadores Wayuri: espacialização e territorialidades construídas a partir da comunicação popular. **ContraCorrente**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Manaus, n. 17, p. 241-

260, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/2249>. Acesso em: 13 jul. 2024.

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza; LUCINI, Marizete. O pensamento decolonial: conceitos para pensar uma prática de pesquisa de resistência. **Boletim Historiar**, São Cristóvão, v. 8, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/15456>. Acesso em: 19 set. 2024.

POVOS indígenas no Brasil. Realização Instituto Socioambiental. [S. l.]: ISA, [c2024?]. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina\\_principal](https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal). Acesso em: 10 jul. 2024.

QUIROGA, Tiago; MOTA, Tatiana Castro. Práticas comunicativas ameríndias: insurgência e decolonialidade na Amazônia brasileira. **E-Compós**, Brasília, v. 27, 2024. DOI: 10.30962/ecomps.2965. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2965>. Acesso em: 14 jul. 2024.

SANTOS, Francisco Edvander Pires; SOARES, Magda Lúcia Almada; CARDOSO, Cyntia Chaves de Carvalho Gomes. Metodologia de pesquisa para estudos com podcast em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **SciELO Preprints**, [S. l.], p. 1-27, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8371>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SILVA, M. L. Decolonialidade como dádiva: o mito do pretérito mais que perfeito. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 38, p. 1–49, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/66188>. Acesso em: 19 set. 2024.

SOUZA, Vinicius Guedes Pereira de; COSTA, Raylson Chaves. Etnomídia indígena como narrativa das resistências. **Extraprensa**, São Paulo, v. 2, n. 14, p. 438-451, jun. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/download/185427/177643/527396>. Acesso em: 7 jul. 2024.

VAN ECK, Nees Jan; WALTMAN, Ludo. **Vosviewer manual**. Holanda: Universiteit Leiden, 2018.